

Algo sobre a vida notarial na Galiza: Um livro de Xulio Cuns Lousa

JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO*

O avô de Luís de Camões, Vasco Pires de Camões, era fidalgo galego, estima-o a mais apurada e plausível árvore genealógica do Poeta. Veio para Portugal, em 1370, no tempo de D. Fernando. Na região de Chaves ainda perdura a memória longínqua destes familiares de Camões, todos eles um clã de gente estudiosa, queimando as pestanas a ler...Onde está Galiza nos versos de Camões? Está na definição de Lusitânia, na demarcação geográfica de Portugal. Não diz Galiza, mas é a Galiza o próprio *cume* desta nossa terra atlântica. O retrato mantêm-se e nele também palpita a doce Galiza:

*Eis aqui, quas cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano. (Lus.)*

O que não é o quase pertence a Galiza. Eu vejo neste quase uma nostalgia e uma impressão digital. Também penso que Camões herdou deste sangue galego o grande amor celta á natura, o panteísmo de um Deus imanente (por esta imanencia a altura da transcendência), e todo um saber de raiz popular, entre ele a sua visão da formação do Direito. O Poeta não concebia o Direito como aque-

la legislação que o poder encomenda e se faz para servir apenas o interesse de alguns. Ele o entendia como os galegos: o Direito se forja do coração da plebe e para a servir. Tudo quanto seja contrário a isto é contra-Direito, tal como o dinheiro é o principal anti-Cristo do planeta. O Poeta não cantou os falsos legisladores. Proclamou com audácia um não a toda a corrupta lei e disse não cantar:

*Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende, e cuida que é prudente,
Para taxar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheio que nao passa. (Lus.)*

Este saber veio-lhe do sangue galego que é donde tudo se desprende e dá perfil a Portugal. Hoje perdeu-se o conhecimento da raiz que fica no topo desta faixa ocidental de Europa, lambida pelo mar e é a parte dos miolos, a cabeça propriamente dita (o nariz, Lisboa...).

Chega-me às mãos um recente livro deste saber antigo, sempre remoçado em modernidade. Trata o Direito na sua fonte natural, o homem do povo, quase sempre o camponês

* Joaquim de Montezuma de Carvalho (Coimbra, 1928) é advogado e escritor (nomeadamente dado ó ensaio). Reside na actualidade em Lisboa e colabora asiduamente na prensa portuguesa. Este trabalho saiu publicado na pág. 2 do *Correio da manhã*, o máis lido de Portugal, o 7/7/93.

(na Galiza se diz labrego, sem o equivalente pejorativo português), cuja memória ancestral é mais apurada. O autor vive em Betanzos, cidade pacata próximo de Corunha, rodeada das rias que lhe trazem a água quase salgada. Chamase Xulio Cuns Lousa e só o conheci por sua obra extraordinária, do melhor recorte literário. Penso que é notário em Betanzos. Se não o é, conhece às mil maravilhas todo o miolo da vida notarial, seu quotidiano e problemas correntes.

O livro de pequenas crónicas, iluminuras do que se passa num cartório, intitula-se "O que non quedou no protocolo", e é edição do Município de Betanzos (diz-se Concello), tendo-se publicado em 17 de Maio de 1992, o Dia das Letras Galegas. É um formoso livro de 150 pgs. compostas de 47 crónicas lapidares, inesquecíveis e que fariam o encanto de Rosalía de Castro ou de Castela se estes gigantes vivos fôssem. Porque também eles foram populares e não populistas e nunca se dirigiram ao poro como uma criança grande (como o fazem os partidos que tomaram a defesa sua).

A explicação do título vem no final, com estas derradeiras e elucidativas palavras a acenarem na despedida (fica-se com pena de o livro ter só 150 pgs.): "Isto demostra que nun documento notarial como en tódalas cousas deste mundo, hai dúas partes perfectamente definidas: a forma e o fondo; o que se pode contar e o que non se pode dicir; o extrínseco e o intrínseco, en fin: o que non quedou no protocolo e o que si quedou no protocolo". Isto é, o que uma escritura atesta e o que não atesta.



Xulio Cuns Lousa

Um notário é un funcionário que confere aos actos realizados perante si aquela *fé pública* que a sua dignidade consolida. Ele dá a certeza. Não se pode duvidar de que tal acto existe se passou pelo crivo de um qualquer notário.

Simplemente o mundo que povoa cartórios é bem maior do que aquele que os actos enunciam. Estão rodeados de milhentas circunstancias que não tem acolhimento no papel selado, mas todavia ocorreram e são o arco iris da sua paisagem sempre diversificada. Uma escritura tem uma história à sua volta e que a escritura não conta. É o pitoresco. É o insólito. É o povo a emergir perante o poder. É...

Xulio Cuns Lousa fotografa esses

pitorescos momentos que rodearam um testamento, um contrato de compra e venda, uma doação, etc. e iluminam o modo de ser do galego dos campos, que o das cidades já está pervertido e perdeu todo o pecúlio pretérito sem nada receber em troca. É o bom humor. É a força do génio das massas que a europeização e a modernidade ainda não esfacelaram. É a ipsidade da pura interpretação das leis por esse anónimo donde elas, se puras e não espúrias, irromperam desde há séculos.

O livro é um divertimento literário. Não temos em Portugal nada que se lhe assemelhe. Só conhecemos os cartórios pelos reconhecimentos e pelas escrituras. De seu mundo mágico, nem um só átomo sequer. Apenas a fé pública. Da privada, nada. Nenhum escritor português disso cuidou ou cuidará.

Direito é peste. Comemoram-se os 150 anos de Tribunal de Boa Hora com um vazio. Era um livro ao geito deste, narrando o que foi o Tribunal para o povo nas suas reacções de crítico e de burro de carga indomável, que os 150 anos careciam. Uma espécie de existencialismo jurídico, o Direito vivido, a Justiça vivida... e que não se deu publicidade ao peculiar.

Este atento galego, Xulio Cuns Lousa, explica-nos a razão de ser deste existencialismo praticado ao vivo num cartório notarial onde seguramente trabalha. Que olhos os seus ao particular de tudo, à casca, polpa e caroço dos que procuram o seviço da fé pública! Está em estado de graça para detectar a alma e a profundidade do povo a que pertence.



Ele adverte a *natura naturans*, a causalidade donde brota esse mundo mágico. Escreve (a pgs. 101): "Xa noutro momento dixemos que o campesíño galego, o galego rural, é un home que, de seu, entende moito de dereito, ten moita noción das leis. Nesta materia, se se lle compara cos labregos doutras zonas, doutros países, doutras nacións, poderíamos dicir del que é un *avogado das silveiras*. Ten unha mentalidad axeitada a esta materia. Pero, como é lóxico, moitas veces sofre erros, equivocación ou, simplemente, desinformación".

Ora se cada galego do campo é um *advogado das silveiras* porque o seu mestre foram pais e avós que lhe pregaram o saber dos séculos, como é que o inesperado salta como rã brincahona, colorindo o mundo dos cartórios da alacridade do vivo, quase do anedótico?

A explicação racional a encontro (a pgs. 27) quando o autor, numa crónica risonha, explica a genese: -"O dereito é unha das cousas que está mais lonxe das matemáticas. É algo susceptible de múltiples interpretacións, á parte de que sempre está evolucionando para se adaptar á cambiante realidade da vida. Isto non lle cabe na cabeza á maioría da xente e así non conciben que dous avogados defendan teses diferentes nun mesmo preito, nin que os tribunais fallen de distinta maneira dous asuntos que, para moitos, eran exactamente iguais".

A obra original de Xulio Cuns Louisa abriu un veio inexplorado. Corrobora a peculiaridade do génio popular galego num serviço público onde muita coisa ocorre e a fé pública não regista, sendo, todavia, digna de registo. É a literatura que remove das sombras a qualidade desse existencialismo com força para nos encantar não só pelo literário da escritura do

autor (esse outro cartório mais vasto) e com valor para festejar um mundo ainda não desmoronado pelo grotesco vendaval das unanimidades sem ipsidade. Ainda se constroi e mantem na Galiza. Até quando? Oh Santiago, padroeiro da história ibérica, salva ao menos os galegos! Eles não se importam que os julguem labregos. Os da cidade é que são mil vezes mais pacóvios. Perderam toda a originalidade. São todos e ninguém. Uma vassoura anda por aí a arrumar a casa europeia...Que exista cabeça! Que nunca feneçam por perda de cachimónia os versos de Camões:

*Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.*

Camões não é de ontem. Está vivo. É de hoje e o avó acabou de chegar de Galiza...

Alfama, 30 de abril de 1993.